

A PERMANÊNCIA DO SETOR ECONÔMICO TRADICIONAL NO CENTRO COMERCIAL DE CAMPO MOURÃO¹

SANTOS, Helison Elconides dos²; COSTA, Fábio Rodrigues da³

RESUMO: O objetivo do presente artigo é expor as bases teóricas da noção de produção do espaço e sua aplicação na análise da permanência do setor econômico tradicional no centro comercial de Campo Mourão, atentando para a noção de rugosidades, que já não mais se enquadram no atual cenário capitalista de produção, mas resistem as novas estruturas que a permeiam. Com base nos resultados foi possível verificar a presença de estabelecimentos comerciais que se instalaram no município, se modernizaram ao longo do tempo e permanecem no mesmo local de sua inauguração; um segundo grupo de estabelecimentos comerciais que se instalaram na cidade, se modernizaram, porém, para isso, mudaram para outras instalações; e por fim será na Rua Brasil que estará concentrado o terceiro grupo, foco do estudo, que tem como característica a permanência no mesmo local de inauguração, porém não se modernizaram tanto no que se refere a sua estrutura como em seus serviços.

Palavras-chave: produção do espaço, centro comercial, rugosidades.

THE TRADITIONAL ECONOMIC SECTOR IN THE COMMERCIAL CENTER OF CAMPO MOURÃO

ABSTRACT: The aim of this paper is to expose the theoretical underpinnings of the notion of production of space and its applications in analyzing the process of (de)construction of space. The central idea is to bring the debate on the critical design of production space, and applies them in the analysis of the permanence of traditional economic sector in the commercial center of Campo Mourão, applying to this sector the notion of roughness, but that does not fit the Current scenario of capitalist production but resist the new structures they present.

Key words: production of space, commercial center, roughness.

¹EIXO TEMÁTICO: Memória urbana e memória das cidades

²Acadêmico do curso de Geografia – FECILCAM, e do programa de iniciação científica. h.elconides@hotmail.com

³Professor do departamento de Geografia – FECILCAM. fabiorcmestrado@bol.com.br

INTRODUÇÃO

A pesquisa se insere nos estudos geohistóricos, abordando as principais transformações que ocorreram no desenvolvimento do município de Campo Mourão (PR). A questão central é desvendar o processo de construção e permanência dos estabelecimentos comerciais que ao se fixarem no município transformaram-se em rugosidades que continuam em atividade até o presente momento. Por intermédio de trabalhos teóricos com bibliografias especializadas, e trabalhos empíricos com coleta de dados e materiais, buscamos entender quais foram as principais causas que possibilitaram aos primeiros comerciantes a permanência e resistência às constantes transformações socioeconômicas e culturais, e como ocorreu o processo de adaptação em diferentes períodos históricos.

Por princípio, através de trabalhos teóricos, buscamos compreender o processo de ocupação da área central de Campo Mourão, quais fatores contribuíram para a permanência de antigos estabelecimentos comerciais, tendo em vista as mudanças que foram ocorrendo no espaço geográfico do município. A questão que permeia a presente discussão é entender quais as causas e fatores que possibilitaram ao setor econômico tradicional urbano a permanência dentro de um cenário em constantes mudanças, tendo em vista que a lógica capitalista de expansão não permite que tais estabelecimentos consigam se sustentar sem que se enquadrem as novas realidades.

Hoje há grande necessidade de um resgate histórico mais aprofundado do centro comercial de Campo Mourão, a fim de desenvolver informações úteis para o planejamento de seu espaço geográfico; e também destacar o valor histórico e cultural. Neste sentido, o presente artigo tem como pretensões estabelecer um referencial informativo tanto ao grupo acadêmico-científico quanto a população em geral, resgatando a história e valorizando a cultura.

O ESPAÇO COMO OBJETO DE ESTUDO DA GEOGRAFIA

Segundo Milton Santos (1985) o espaço deve ser considerado como uma totalidade. A formação do espaço supõe uma acumulação de ações localizadas em diferentes momentos. Nesse sentido, o espaço seria a coabitação de homem e natureza, sendo que o processo de formação deste espaço é dotado de variadas intencionalidades, já que dependeria da vontade do homem.

Santos (2009, p.29) sobre o espaço, diz que este é a soma dos resultados da

intervenção humana sobre a terra, é formado pelo espaço construído que também é espaço produtivo, [...] e ainda pelo espaço não construído, mas suscetível – face ao avanço da ciência e das técnicas e às necessidades econômicas e políticas ou simplesmente militares [...] quanto a isso, o espaço fornece valiosas informações do passado e suas mudanças, pois “o momento passado esta morto como tempo, não, porém como espaço”.

Santos (1985) também considera o espaço como uma instância da sociedade, ao mesmo título que a instância econômica e a instância cultural-ideológica. Isso significa que, como instância, ele contém e é contido pelas demais instâncias, assim como cada uma delas o contém e é contida. Nesse sentido, a economia, a política e o cultural estão no espaço, assim como o espaço está em cada um.

Ao concebermos o espaço em sua dimensão temporal, ele se torna resultado da geografização de um conjunto de variáveis, de sua interação localizada, e não dos efeitos de uma variável isolada, ou seja, o que torna o espaço como um conceito vivo é a sua recíproca interação com os seus elementos anexados.

Quanto à produção do espaço social, Santos (2009, p.55) aponta que o processo deve ser definido metodologicamente e teoricamente por três conceitos: a forma, a estrutura e a função. Nesse sentido Godoy (2004, p.29) afirma que “os movimentos da totalidade social modificando as relações da sociedade, alteram processos e incitam funções”, ou seja, o movimento dialético do espaço no qual o homem se insere lhe atribui características e ideologias que refletem na sua forma, modificam suas funções consequentemente alteram a sua estrutura.

O objeto de estudo da Geografia é o espaço geográfico. Nesse sentido, pode-se afirmar que o espaço geográfico é produto das relações humanas, pois o homem transforma a natureza de acordo com as suas necessidades a partir das técnicas disponíveis.

Apesar do espaço compreender uma totalidade, ao analisá-lo, devemos dividi-lo em partes e reconstituí-lo depois, porém, o espaço fragmentado é concebido como uma abstração do todo, sendo que sua compreensão só é efetiva ao anexar suas particularidades ao espaço total, sendo este o espaço real. Nesse sentido

[...] o conceito de totalidade é uma construção válida no exame da complexidade de fatores a serem examinados na análise do contexto espacial. Como a totalidade é um conceito abrangente, importa fragmentá-lo em suas partes constituintes para um exame mais restrito e concreto [...] (SANTOS, 1992, p.51).

Tais fatores, citados por Santos, deve ser operado segundo uma variedade de critérios, entre os quais estão os elementos do espaço. Os elementos do espaço, por sua

vez, seriam os homens, as firmas, as instituições, o meio ecológico e as infraestruturas. Os homens são elementos do espaço, seja na qualidade de fornecedores de trabalho, seja na de candidatos a isso. As firmas têm como função a produção de bens, serviços e ideias. As instituições produzem normas, ordens e legitimações. O meio ecológico seria o conjunto de complexos territoriais que constituem a base física do trabalho humano. Finalmente, as infraestruturas são o trabalho humano materializado e geografizado na forma de casas, edifícios, plantações, estradas, etc.

Os diversos elementos do espaço estão em relação uns com os outros: homens e firmas, homens e instituições, firmas e instituições, homens e infraestruturas, etc. Milton Santos (1985) considera que, em função de suas relações, os elementos do espaço formam um sistema. Tal sistema é comandado pelo modo de produção dominante nas suas manifestações à escala do espaço em questão. O período histórico atual, muito distinto dos que os precederam, tem como fundamento marcante o tripé técnica, ciência e informação, sendo por isso denominado por Milton Santos de meio técnico-científico-informacional. Técnica esta universalizada relacionalmente e presente em cada lugar de forma potencial. Vive-se um mundo em que a ciência é o motor do desenvolvimento, onde o trabalho intelectual ganha importância primária e as informações em massa se processam vertiginosamente. Porém, como adverte Santos (2006, p.39), uma informação não face a face, mas mediada, “preparada e servida” pelos atores hegemônicos do sistema.

Portanto, o espaço deve ser analisado na forma de sistemas espaços-temporais e conta com categorias de análise: formação sócio-espacial, com ênfase para a escala do Estado-Nação (mediador entre o local e o global), tempo espacial ou tempo empírico, estes entendidos como processo. Além disso, não se deve esquecer das rugosidades do espaço, formas pretéritas que influenciam o presente e podem até condicionar o futuro.

O espaço não se desvincula do tempo, pois o espaço nada mais é do que o resultado de diversos espaços projetados ao longo do próprio tempo histórico, sendo que a cada nova forma vinculada ao sistema ou a cada reformulação na própria estrutura, resulta em novas funcionalidades trazidas pelos novos elementos do espaço, e conseqüentemente, ao próprio espaço total. Nesse sentido, Santos (1985, p.21) admite que “o comportamento do novo sistema está condicionado pelo anterior”, sendo assim, Godoy (2004, p.31) contribui com esta discussão dizendo que “é a idéia de movimento da totalidade no tempo e no espaço que fundamenta a concepção de que o espaço é produzido *no e pelo* movimento da totalidade social”. Portanto, entende-se que os elementos históricos são os elementos geográficos no tempo, e os elementos geográficos seriam os próprios elementos históricos no espaço.

Tal concepção fortalece a noção de “Rugosidades”, trazida por Milton Santos, no qual este conceito complementa a concepção de que a produção do espaço é, ao mesmo tempo, construção e destruição de formas e funções sociais do espaço. Assim o espaço é uma forma que não se desfaz paralelamente à mudança de processos; ao contrário, alguns processos se adaptam às formas preexistentes enquanto que outros criam novas formas para se inserir dentro delas. As 'rugosidades' são, nesse sentido, as formas espaciais do passado produzidas em momentos distintos do modo de produção e, portanto, com características sócio-culturais específicas do espaço que se emergiram.

(DES)CONSTRUÇÃO E RUGOSIDADES

Godoy (2004) busca analisar as bases teóricas da noção da produção do espaço, levantando questões teórico-metodológicas na construção do conhecimento geográfico. Em seu estudo propõe uma discussão a partir de dois “conceitos-piloto” (des)construção e 'rugosidades' espaciais.

A noção de (des)construção do espaço baseia-se na concepção de que a sociedade pós-moderna, ao mesmo tempo em que produz formas espaciais correspondentes, em um dado momento histórico, às necessidades de produção, circulação, consumo e informação, também as dissolvem e as redefinem em sintonia com as novas necessidades sociais que emergem, por sua vez, em um dado momento para, em seguida, serem diluídas e transformadas. (GODOY, 2004, p. 33)

Já a noção de “rugosidades”, é aplicada a um conceito elaborado e trabalhado por Milton Santos, na qual é exposta a concepção de que o espaço não se torna a forma expressa de uma paisagem meramente atual, mas sim de um acúmulo de paisagens que se entrelaçam e se desdobram ao passo que vão se fixando, adaptando e resistindo as novas formas incorporadas ao espaço.

Chamemos rugosidades ao que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares. As rugosidades se apresentam como formas isoladas ou arranjos. É dessa forma que elas são uma parte desse espaço-fator. Ainda que sem tradução imediata, as rugosidades nos trazem os restos da divisão do trabalho já passada (todas as escalas da divisão social do trabalho), os restos dos tipos de capital utilizados e suas combinações técnicas e sociais com o trabalho. (SANTOS, 2004, p. 140).

Nesse sentido, as rugosidades são reflexo de um tempo que não mais predomina, porém, ainda compõe o espaço enquanto totalidade. As rugosidades são identidades, ao

mesmo tempo, de dois espaços distintos, porém interligados, retratando formas dominantes do passado e compondo o mosaico espacial do presente.

LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

O município de Campo Mourão está localizado na Mesorregião Centro-Ocidental Paranaense, sendo esta subdividida em duas Microrregiões: a de Goioerê com 11 municípios e a de Campo Mourão com 14 municípios agrupados (Figura 1). Campo Mourão possui uma população de 87.194 (oitenta e sete mil, cento e noventa e quatro) habitantes, de acordo com os dados IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), na contagem realizada no Censo Demográfico 2010, distribuídos em uma área de 758 Km², tendo a sede do município como coordenadas geográficas 24°02'38" de Latitude Sul e 52°22'40" de Longitude Oeste do Meridiano de Greenwich, a uma altitude média de 630 metros sobre o nível do mar. Faz limite com 6 municípios vizinhos, sendo estes: Peabiru ao Norte; Barbosa Ferraz; Luiziana; Corumbataí do Sul; Farol e Mamborê; e Araruna.

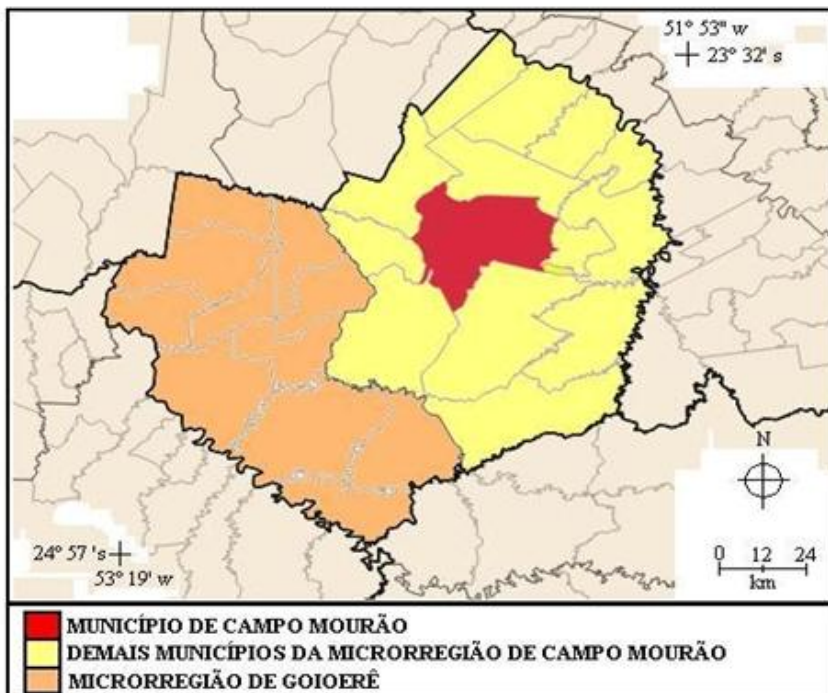


Figura 1 - Mesorregião Centro Ocidental Paranaense
Fonte: Elaborado por Santos, H. E (2011)

Segundo a prefeitura, a área central (figura 2) do município esta localizada dentro de um perímetro de aproximadamente 9 km, e abrange além de centro comercial, outras áreas onde estão localizados o Estadio Municipal Roberto Brezinski, o Fórum de Campo Mourão e o novo centro cultural do município, composto pela Universidade Estadual do Paraná – Campus Campo Mourão, O Teatro Municipal, O Senac e o Mercado Municipal, além de áreas residenciais.



Figura 2 - Centro de Campo Mourão

Fonte: Google - Dados Cartográficos 2011 MapLink/Tele Atlas, IBGE.

OCUPAÇÃO E COLONIZAÇÃO DE CAMPO MOURÃO E MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA

Segundo o IBGE (1959), foi a partir de 1903 que se tem o registro das primeiras notícias de povoamento, com a chegada a Campo Mourão dos expedicionários guarapuavanos José Luiz Pereira, Antônio Luiz Pereira, Cesário Manoel dos Santos e Bento Gonçalves Proença. Acompanhados das famílias, construíram as primeiras casas, dedicando-se à agricultura e à pecuária. Porém, segundo documentos históricos do Museu Municipal de Campo Mourão datados do ano de 1893, há registro de povoamento na região de Campo Mourão desde 1880. Segundo Veiga (2009) as primeiras posses legalizadas são do ano de 1892, conforme registro coletivo, datado de 25 de Setembro de 1893, em Guarapuava.

Com o início do povoamento novas famílias são atraídas, principalmente com a abertura da estrada que ligaria o município de Guarapuava até Campo Mourão no ano de 1908. Segundo Simionato (1999) a primeira empresa a se instalar na região de Campo

Mourão era voltada para a exploração da erva mate, introduzida em toda a região. A figura 3 apresenta a Praça Getúlio Vargas, região central em construção.



Figura 3: 1949 - Praça Getúlio Vargas, ao fundo a casa maior à direita com Sóton, era o Hotel Central. Acima, na casa branca, a Sapataria Paulista. A primeira casa à esquerda a Loja Iracema. Bem à esquerda, era propriedade de Jeremias Cilião de Araújo, hoje Prédio dos Casali.

Fonte: Acervo de Juma Durski, 2011.

Já no ano de 1921, foi criado o distrito judiciário de Campo Mourão, porém foi apenas em divisões territoriais datadas do ano de 1937 ele é anexado como distrito de Guarapuava; em 1943 é transferido do município de Guarapuava para o de Pitanga. No mesmo ano de 1943, foi criada uma Inspeção do Departamento de Terras, dando grande impulso ao lugar atraindo novas levas de colonos. Através da Inspeção foi iniciada a construção de uma Vila, que prosperou rapidamente, com isso também foi inaugurado as primeiras casas comerciais, sendo pioneiros neste setor os comerciantes Leo Guimarães, Francisco de Albuquerque, Guilherme de Paula Xavier e Margarida Wakin. Apenas no ano de 1947, pela lei estadual nº 2, de 10-10-1947, Campo Mourão é desmembrado de Pitanga e elevado a categoria de município.

Com o advento da década de 1950 se instalaram no município um expressivo número de comerciantes, sendo que, segundo dados dos Censos Comerciais dos anos de 1950 á 1980, apresentou um constante aumento de estabelecimentos na cidade mesmo que tal crescimento não significava o aumento real de sua população. (Quadro 1 e 2).

Entre as décadas de 1960 á 1980 a região de Campo Mourão sofre com os impactos da modernização do setor agrícola, impulsionado principalmente pelo cultivo de soja.

A cultura da soja ganhou importância com a erradicação do café no norte do Paraná, o que ocasionou grande êxodo-rural. A soja expandiu-se para quase todo território paranaense entre os anos 1960 e 1990. Foi com a sojicultura que as lavouras

mecanizadas tiveram expansão mais significativa, com uso de tecnologias, com programas de manejo e conservação dos solos. (PROCÓPIO, 2009, p. 4).

Quadro 1

População de Campo Mourão (1950 á 2010)			
Ano	Pop. Total (hab.)	Pop. Urbana (hab.)	Pop. Rural (hab.)
1950	32.948	836	32.112
1960 ³	140.362	19.489	120.873
1970	53.804	26.569	27.235
1980	75.423	49.339	26.084
1991	82.318	72.335	9.983
2000	80.476	74.754	5.722
2010	87.194	82.676	4.518

Fonte:IBGE³

Quadro 2

Nº Estabelecimentos Comerciais de Campo Mourão (1950-2009)			
Ano	Atacadista	Varejista	TOTAL
1950	-	54	54
1960	2	182	184
1970	48	543	591
1980	29	446	475
1996	39	460	499
2000	46	606	652
2009	82	976	1058

Fontes:IBGE(1950 - 1980)Ministério do Trabalho - RAIS (1996-2009)

No ano de 1970 é instalada em Campo Mourão a COAMO (Cooperativa Agropecuária Mourãoense) que foi o ponto chave para expansão e consolidação do plantio de soja e posteriormente milho no município. Além disso, Procópio (2009), afirma que a nova cooperativa incentivou projetos de apoio a produção dos cooperados.

A partir da década de 1970, estimulado pela modernização da agricultura e pelo êxodo rural, a população urbana passou a crescer vertiginosamente (Quadro 1). Tal fato também contribuiu para o aumento de estabelecimentos comerciais no município, como podemos observar no Quadro 2. Há um aumento de mais de quatrocentos estabelecimentos de 1960 até a contagem do Censo Comercial de 1970, mostrando a nova perspectiva de Campo Mourão, que definitivamente passa de cidade essencialmente rural para urbana.

³Entre os anos de 1950 e 1960 foram anexados diversas áreas ao município de Campo Mourão, que foram desmembradas após 1960, o que resultou em uma variação vertiginosa de um Censo ao outro.

O COMÉRCIO EM CAMPO MOURÃO

Segundo dados do Ministério do Trabalho de 2009, Campo Mourão possui 1058 (mil e cinqüenta e oito) estabelecimentos comerciais no município, sendo muitos destes presentes desde o tempo dos primeiros anos de emancipação, no final da década de 1940 e início de 1950.

Em 1941 foi aberta, no dia 5 de junho, a primeira casa comercial (Casa Iracema), na esquina da Avenida Irmãos Pereira com Rua Brasil, pelo pioneiro Jucelino Araújo, que depois vendeu ao seu irmão, Geremias Cilião de Araújo. Ao lado da Casa Iracema foi construída a Pensão Bom Jesus de Sebastião Ribeiro e a Sapataria Paulista de consertos de calçados. Do outro lado da esquina da Rua Brasil surgiu o casarão do Bar Estrela (sorveteria e restaurante) e o Açougue São Pedro de Pedro Gênero. Entre o bar e o açougue, existia a Selaria de Modesto Três, a Barbearia do Zézinho e mais tarde a Barbearia de Artemiro Bozzio, acima da Casa Guáira, na Rua Brasil (BATHKE JR, 2011).

Porém a permanência destes estabelecimentos comerciais na cidade foi proporcionado através de particularidades da estrutura a qual estes estavam inseridos, de modo que podemos dividi-los em diferentes grupos. Segundo Barry (apud BARRETA):

[...] a estrutura comercial de uma cidade pode dividir-se em três tipos de concentrações comerciais – centros, faixas e áreas especializadas. Tendo presente que cada uma delas poderá se decompor em subcategorias (consoante a sua dimensão e a complexidade socioeconômica), o que as distingue são as características morfo-funcionais. (2009, p.110)

B. Mérenne-Schoumaker (apud BARRETA) também admite que:

[..] a organização espacial do comércio, no contexto das cidades, se pode dividir em quatro tipos de áreas – eixos comerciais regionais (ruas e praças do hiper centro comercial), ruas tradicionalmente comerciais fora dos grandes eixos de circulação, áreas especializadas no lazer e na diversão e bairros antigos em mutação. (2009, p.110).

Quando se busca entender as transformações que ocorrem em um determinado espaço geográfico, vale considerar que tais transformações não são gerais, tão pouco uniformes, elas ocorrem gradativamente em ritmos e formas diferenciadas, conforme a necessidade e a capacidade de cada variável, Santos explica que:

[...] entre essas variáveis algumas resultam de fluxos atuais, outras profanam de fluxos antigos, já transformados no próprio lugar. Isso também quer dizer que, a um momento dado, momento freqüente breve, tais estabelecimentos poderiam ser definidos exclusivamente por variáveis já “antigas”, cuja evolução durante um curto período foi endógena. (SANTOS, 1988, p.259).

Os comércios presentes nesta área são influenciados diretamente pelas mudanças socioeconômicas que ocorrem tanto a nível local quanto a nível global, assim:

[...] a construção de um espaço novo a partir de um preexistente (ora integrado, ora destruído) inclui a articulação da técnica e do saber à gestão onde o estado, ao lhe atribuir funções, constitui-se em um espaço de dominação. (CARLOS, 1996, p.129).

Nesse sentido, Campo Mourão apresenta aqueles estabelecimentos comerciais que se instalaram no município, se modernizaram ao longo do tempo e permanecem no mesmo local de sua inauguração, o que Santos (1985) classifica como aqueles em que “as inovações podem ser imediatamente aceitas e integradas ao sistema”, como por exemplo, a Alfaiataria Santo Antônio que progrediu rapidamente e em 1964 mudou sua razão social para Magazine Santo Antônio (figuras 3 e 4); localizada na Rua São Paulo, 1.195. Assim como a Sapataria Paulista (figuras 5 e 6) que surgiu de uma pequena oficina de conserto de calçados, fundada em outubro de 1952, que tinha à frente o sapateiro Ademaro Alberto Ferreira. Por volta de 1960, com o rápido desenvolvimento da cidade, principalmente em função da exploração da madeira, a empresa passou a funcionar em instalações próprias na Avenida Irmãos Pereira, onde permanece até hoje.



Figura 3: Antiga Magazine Alfaiataria Santo Antônio – década de 1960, hoje apenas Magazine Santo Antônio.

Fonte: Edna Simionato, 2009.



Figura 4: Magazine Santo Antônio, 2011

Fonte: Helison Elconides dos Santos



Figura 5: Sapataria Paulista, década de 1960

Fonte: acervo museu municipal Deolindo Mendes Pereira, 2011.



Figura 6: Sapataria Paulista, 2011

Fonte: Helison Elconides dos Santos, 2011.

Os referidos estabelecimentos se modernizaram não apenas por sua demanda de produtos, mas principalmente pela exigência de constante mudança do lugar onde estes estão inseridos, sendo isso diagnosticado em Santos (1985, p.56) ao dizer que “o valor técnico da forma é determinado não a partir da própria forma, mas das necessidades da estrutura donde ela surge, ou que nela se encaixa, segue-se que o valor da forma deve mudar na proporção em que muda a estrutura”. Conforme mudam formas e funções tanto da sociedade quanto de seu entorno (bancos, restaurantes, novos comércios, etc.) estes forçam as antigas formas a se enquadrarem a nova estrutura, podendo exercer novas funções, como é o caso do *Magazine Santo Antônio*, que trocou a prestação de serviços em alfaiataria para comercialização de roupas e acessórios de fabricação industrial.

Um segundo grupo que pode ser diagnosticado são compostos por aqueles estabelecimentos comerciais que se instalaram na cidade, se modernizaram, porém, para isso, tiveram que mudar para outras instalações, o que Santos (1985, p.50) classifica como aqueles em que “as inovações precisam passar por uma maior número de distorções a fim de se integrarem ao sistema”, tendo como exemplos concretos a *Relojoaria e Ótica Fuchs* (figura 7), inaugurada em 1952, porém com o tempo mudou seu endereço da Avenida Capitão Índio Bandeira, 1539 (hoje agência bancária do

Unibanco-Itaú) para a mesma avenida no número 1401, assim como a *Livraria Roma* (figura 8 e 9) que teve suas portas abertas em 1961 na avenida Capitão Índio Bandeira e hoje está localizado na Rua Brasil, 1460. Quanto a isso podemos observar que o aumento da demanda e da comercialização de novos produtos implicaram na mudança destes estabelecimentos, sendo que a troca de local veio a atender uma necessidade de se adequarem as novas estruturas da área Central de Campo Mourão que através de seu processo histórico consolidou aquilo que podemos definir como área centro-comercial de Campo Mourão. Tais centros se consolidam através da distribuição e estruturação dos principais serviços e atividades comerciais do município, tais como lojas de vestuário, restaurantes, bancos, bem como instituições públicas e religiosas, como igreja, museus, prefeitura, dentre outros. Nesse sentido, podemos observar que o processo histórico de transformação do município a partir da urbanização e consolidação de seu centro comercial fez com que a introdução ou pelo menos a aproximação torna-se essencial para o desenvolvimento dos primeiros estabelecimentos.



Figura 7: 1962 – Antiga Relojoaria Fuchs.

Fonte: Acervo de Juma Durski, 2011.



Figura 8: 1960 - Agência da Real em Campo Mourão, e a agência de Roget Delatre, adquirida por Roberto Teixeira Pinto, que ali instalou a Livraria Roma.
Fonte: Acervo de Juma Durski, 2011.



Figura 9: Livraria Roma, 2011.
Fonte: Fonte: Helison Elconides dos Santos, 2011.

Por fim será na *Rua Brasil* que estará concentrada o terceiro grupo que tem como característica a permanência no mesmo local de sua inauguração, porém não se modernizaram tanto em sua estrutura quanto em seus serviços, o que Santos (1985) classifica como aqueles em que “a estrutura imposta mantém uma tão grande oposição relativamente as formas existentes, que estas nunca se acham inteiramente integradas ao novo” e conclui dizendo que “o novo e o velho operam lado a lado, embora não sejam duas entidades separadas e autônomas”, como por exemplo a *Casas Brasil*, *Comercial Santo Antonio* (figura 10), *A Barbearia do Sr. Amadeu e a Tabacaria e Distribuidora de Fumos Arapiraca* (Figura 11) que foi assumida pelo Sr. Everaldo Rocha Barros no início da década de 1980 e prossegue com a mesma atividade até o dias atuais.



Figura 10: Comercial Santo Antônio, na rua Brasil, 2011.

Fonte: Helison Elconides dos Santos, 2011

O que intriga dentro deste último grupo é o fato de que tais estabelecimentos exercem atividades e oferecem produtos que não se enquadram à nova dinâmica do cenário atual do município, que está interligado com as constantes mudanças e exigências do modo capitalista de produção, como por exemplo, o fato de que nenhum dos três estabelecimentos mencionado possui serviços de pagamento com cartões, além de seu único crédito oferecido aos seus fregueses é a antiga caderneta para anotar as vendas a prazo. Junto a isso estão os peculiares produtos oferecidos, tais como “ferro a brasa, lampião para acampamento, chaminé, chapa de ferro para fogão a lenha, peneiras,

moringas de barro para carregar água, e balaios” na Casa Brasil e “fumo de corda” na Tabacaria e Distribuidora de Fumos Arapiraca.



Figura 11: Tabacaria e Distribuidora de Fumos Arapiraca, 2011

Fonte: Helison Elconides dos Santos, 2011.

Os estabelecimentos da Rua Brasil, localizados entre as avenidas Irmãos Pereira e José Custódio de Oliveira, formaram uma *faixa comercial* paralela ao centro moderno. Os comércios ali situados atendem a um público específico formado principalmente de famílias que ainda permanecem no meio rural e preservam sua cultura e seus costumes através dos produtos comercializados neste local. Consequentemente este mesmo público forma a base para a permanência de tais estabelecimentos comerciais próxima ao centro moderno, ou centro comercial mais dinâmico.

Para Milton Santos (1985) o espaço é a construção e destruição de formas e funções sociais dos lugares, sendo que a permanência de formas e funções que já não pertencem aos novos modelos socioeconômicos são caracterizados como “rugosidades” que agem como testemunho dos primeiros modos de produção e relação de determinado lugar. No caso dos estabelecimentos da Rua Brasil, entre as avenidas Irmãos Pereira e José Custódio de Oliveira, são retratos do município em meados de suas primeiras décadas, onde predominaram as características rurais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O comércio de Campo Mourão reflete tendências que encontramos tanto em grandes cidades, quanto em cidades de menor porte, ou seja, o processo capitalista que (des)constrói cada vez mais rápido um mosaico espacial em constante contradição. Isso porque o derradeiro princípio de sociedade capitalista está centralizado no mundo das coisas e não mais no mundo dos homens.

As antigas relações socioeconômicas produzidas em meados do século XX, principalmente em pequenas cidades, se mostrou apenas uma etapa de um processo histórico que conduz a formação de uma sociedade de consumidores. Tal modelo procura substituir os espaços arcaicos por espacialidades cada vez mais modernas e globalizadas, objetivando a reprodução do capital.

O que deparamos na Rua Brasil, entre as Avenidas Irmãos Pereira e José Custódio de Oliveira, é um esforço de resistência e permanência, por parte de alguns comerciantes, que atendem a um consumidor “a moda antiga”. No decorrer da pesquisa dois estabelecimentos de grande tradição na cidade tiveram suas atividades encerradas. Enquanto um (farmácia) era moderno e tinha se adaptado à dinâmica econômica atual; o outro (comércio de secos e molhados) se caracterizava pela comercialização de produtos que não mais condiziam com a lógica do mercado atual. Porém, o que percebemos é que ambos encerraram suas atividades praticamente pelo mesmo motivo, a desistência dos herdeiros pelo ramo de atividade. É necessário explicar que o primeiro fechou pelo cansaço e idade avançada de seu proprietário, e o segundo por motivo de falecimento. Mas em ambas as situações não houve a pretensão por parte dos familiares de continuarem com a atividade.

Diante disso e de toda discussão teórica e temática apresentada nesse estudo percebemos que a permanência do setor econômico tradicional no centro comercial de Campo Mourão consolidou a espacialização de rugosidades representadas em forma, função e estrutura na Rua Brasil, sendo que em outros pontos da cidade os estabelecimentos mais antigos tiveram que se adaptar aos rearranjos econômicos e espaciais que se construíam no decorrer do processo histórico de formação do centro da cidade. Porém, devemos desmistificar a idéia de que tais rugosidades apenas refletem um tempo pretérito que não mais condiz com as formas espaciais modernas; ao contrário, elas compõem peças de um quebra-cabeça espacial que são segregadas por estruturas espaciais maiores que sufocam modelos ditos ultrapassados em nome do progresso e modernização.

A temática abordada nesse artigo não reflete um modelo atípico da realidade atual, pelo contrário, mostra o quanto somos vulneráveis a tendências processuais que mais nos consomem do que nos constroem. Nesta perspectiva, é difícil de conceber a permanência de modelos sócio-espaciais que resistiram à consolidação de paisagens cada vez mais complexas, mas a tendência é de que os estabelecimentos comerciais considerados adaptados a dinâmica atual percam força no meio deste processo, e acabem por reconstruir novas formas espaciais compostas por modelos considerados há seu tempo como rugosidades. Nesse sentido, as rugosidades sempre estarão incorporada ao espaço assim como o espaço sempre será composto por formas e funções (des)construídas pelas estruturas espaciais que o compõe.

REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, P.R. Dossiê História Oral: Uma breve apresentação. In: Patriota, R. (org), **Fênix – Revista de História e Estudos Culturais**. Vol. 2, ano II, nº2 (ISSN 1807—6971) – acessado em 24 de maio de 2011.
- BARRETA, J. Centros Comerciais a céu aberto: Potencialidades da gestão integradas de centros urbanos. **Revista Prospectiva e Planejamento**. Lisboa-Portugal: Departamento de Prospectiva e Planejamento / Secretaria de Estado e Desenvolvimento Regional, v.16, p. 103-136, 2009.
- BATHKE JR, W. **Campo Mourão Quinhentinha** [repostagem vinculada ao Blog do Wille Bathke Jr] <http://wibajucm.blogspot.com/2011/03/campo-mourao-quinhentista_15.html> acessado em 15 de Julho de 2011.
- BRAGA, R. M. **O espaço geográfico: um esforço de definição**. Geosp: espaço e tempo, v. 22, p. 65-72, 2007.
- Como Surge Uma Cidade**. Produção de Guarany Filme, Prefeitura Municipal de Campo Mourão (resp.). déc. 1960 [DVD].
- CARLOS, A. F.A. A Mundialidade do Espaço. In: MARTINS, J.S (org), **Henry Lefebvre e o Retorno à Dialética**. 1ª ed. São Paulo. Hucitec: p. 121-134, 1996.
- Casal de pioneiros vai receber prêmio 'Município Modelo'**. [reportagem vinculada ao portal Tá Sabendo.com de 03 de Agosto de 2011] <<http://tasabendo.com/home/index.php/2011/08/03/casal-de-pioneiros-vai-receber-premio-municipio-modelo/>> Acessado em 04 de Agosto de 2011.

IBGE, INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Contagem da População**. Brasil, 2010. <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>> acessado em 23 de Março de 2011.

IBGE, INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. Volume XXXI, Rio de Janeiro, p. 90, 1959.

GODOY, P. **Uma Reflexão sobre a Reprodução do Espaço**. In: Estudos Geográficos, Rio Claro, 2(1): p. 29 -42. Junho – 2004 (ISSN 1678—698X) – acessado em 23 de Março de 2011.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPO MOURÃO. **Museu Municipal Deolindo Mendes Pereira**. Campo Mourão, 2010.

PROCÓPIO, E. **Campo Mourão: A participação dos migrantes sulistas na produção da soja a partir dos anos 60**. Maringá. UEM/DGE, 2009.

SANTOS, Milton. **A natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**. São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS, M. **Espaço & Método**. São Paulo: Nobel, 1985.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SIMIONATO, E. **Campo Mourão: sua gente... sua história**. 2.ed rev. E ampl. - Campo Mourão: Gráfica e Editora Bacon, 1999.

STECA, L. C.; FLORES, M. D.. **História do Paraná: do século XVI à década de 1950**. Londrina – Paraná: Editora UEL, 2002.

TRAVASSO, L.E.P. A fotografia como instrumento de auxílio no ensino da Geografia In: **Fênix – Revista de Biologia e Ciências da Terra**. Vol.1, nº2 (ISSN 1519-5228) – acessado em 24 de maio de 2011.